

Release

Pesquisa ressalta protagonismo feminino no movimento estudantil em São Paulo

Eliane Campelo - DRT n.264/TO

No artigo “Lute como uma menina: questões de gênero nas ocupações das escolas de São Paulo em 2016” as pesquisadoras Ana Paula dos Santos e Cynthia Mara Miranda analisam a inserção das jovens mulheres no movimento secundarista e a visibilidade das questões de gênero alcançada por estas jovens estudantes percorrendo os caminhos do documentário “Lute como uma menina”, dos cineastas Flávio Colombini e Beatriz Alonso. No longa os diretores capturaram o cotidiano das ocupações e entrevistaram 40 meninas que estiveram à frente do movimento apresentando o fato de uma ótica diferente da adotada pelos meios de comunicação de massa que, costumeiramente, retratam as mulheres de forma padronizada. No texto, publicado na Revista Observatório v.3, n.6, é portanto, possível acessar uma versão da história negada ou invisibilizada pelos meios de comunicação de massa pois “no documentário as jovens são representadas como protagonistas da sua própria história”.

O texto analisa o documentário como uma ferramenta para propagar/dar voz/espço ao discurso das jovens mulheres e revela aspectos consideráveis no que se refere à invisibilidade ou ao enquadramento negativo dos movimentos sociais na mídia e clarifica também a falta de visibilidade da participação feminina nesses movimentos e destaca a forma como foram tratadas nesse contexto. O documentário traz os depoimentos das meninas que participaram

ativamente da organização e autogestão das escolas ocupadas, como se organizaram, em que se espelharam e enfatiza-se a narrativa do movimento e “as percepções das diferenças de gênero a partir da visão e da vivência das mulheres”.

Em 2015, grupos de alunos realizaram ocupações em 13 unidades escolares de São Paulo em protesto contra a reestruturação da rede pública estadual de escolas, posta em prática pelo governo estadual e que afetaria mais de 300 mil estudantes, os cineastas Beatriz Alonso e Flávio Colombini ao observar as ocupações perceberam que “a mídia vinha retratando o movimento de forma restrita, no sentido de criminalização dos atos protagonizados pelos secundaristas. Mas também chamou atenção, nas imagens divulgadas dos atos públicos, protestos de rua e das ocupações propriamente, a presença de muitas meninas, predominantemente”. Então, os cineastas passaram a acompanhar a rotina estabelecida nas escolas e a filmar/construir um documentário para retratar o protagonismo feminino nas ocupações e mostrar a experiência de participação política através da voz destas jovens que não aceitavam a imposição de uma política pública “de cima para baixo” sem ouvir a comunidade escolar.

A reação “dos” e “das” secundaristas repercutiu nas redes sociais, em comentários e postagens, onde cada um deles demonstrava “a sua indignação em relação ao modo como o processo estava sendo conduzido pelo Governo do Estado. Reivindicavam participação e discussões sobre a implementação desse projeto, e não apenas informações sobre o que aconteceria. As críticas iam desde a organização familiar em relação às escolas (no caso de mais de um filho estudar na mesma escola), passando pela ligação afetiva que tinham com aquele espaço escolar, até o aumento do trajeto a ser percorrido e a mobilidade de pessoas com deficiência”.

As pesquisadoras contextualizam inicialmente a situação das mulheres em “uma sociedade em que há pouco espaço para as vozes femininas, inclusive nos movimentos sociais e na política”, em seguida tratam da atuação política das jovens mulheres na atualidade a partir da análise do documentário e, por fim, trazem reflexões sobre o engajamento das estudantes para superação das desigualdades no ambiente escolar.

De acordo com o texto “o protagonismo das meninas retratado no documentário e a narrativa delas em prol da igualdade entre os gêneros colocaram em destaque aspectos da desigualdade que estão no cotidiano do ambiente escolar. Ficou claro o destaque ou o protagonismo que as iniciativas feministas dessas jovens, organizadas em coletivos ou individualmente, alcançaram” e aclaram ainda a importância da internet para essa organização.

A análise nos mostra que a escola acaba sendo um lugar de reprodução das desigualdades de gênero onde a diferença de tratamento e expectativas relativas aos alunos, mesmo dentro do ambiente escolar, vão delineando os “lugares” que serão ocupados por meninos e meninas. À eles são associados os papéis de gênero que tendem a reforçar desigualdades e hierarquias sociais relacionadas às noções de feminino e masculino.

O documentário “Lute como uma menina” nos apresenta a atitude das meninas para virar esse jogo e mostrar que a escola, como espaço privilegiado de conhecimento, socialização e reflexão, pode ser também espaço pedagógico para o exercício do respeito, da diminuição das desigualdades e desconstrução das hierarquias de gênero dizem as pesquisadoras.

Como citar a pesquisa

DOS SANTOS, Ana Paula; MIRANDA, Cynthia Mara. LUTE COMO UMA MENINA: questões de gênero nas ocupações das escolas de São Paulo em 2016. **Revista Observatório**, Palmas, v. 3, n. 6, p. 417-444, maio 2017. ISSN 2447-4266.



ISSN nº 2447-4266

Vol. 3, n. 6, Outubro-Dezembro. 2017

Disponível

em:

<<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/3272>>. Acesso em: (data do acesso). doi: <https://doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n6p417>.